

Humor e ensino: J. Carlos e a caricatura no Ensino de História

Humor and teaching: J. Carlos and the caricature at the teaching of history

Daniela Cardoso da Silva¹

Resumo: O propósito deste artigo é dar um breve histórico da caricatura, analisando-a como instrumento para o Ensino de História, apontando como acontece este diálogo entre a arte caricata de J.Carlos no período chamado Estado Novo, sua representação de mundo e o ensino de História.

Palavras-chave: Humor, caricatura, ensino de História, representação.

Abstract: The purpose of this article is to give soon historically of the caricature, analysing it like instrument for the Teaching of History, beginning to appear as this dialog happens between the ridiculous art of J.Carlos in the period called New State, it sweats world representation and the teaching of History.

Keywords: humor, caricature, Teaching of History, representation.

Novos objetos: o humor em questão

Nas últimas décadas presenciamos inúmeras transformações na sociedade e conseqüentemente a ampliação de diversos estudos a respeito desta. Novas perspectivas históricas se estabelecem, aliançadas com diversas ciências como a antropologia, a sociologia, a filosofia entre outras permitiram aos historiadores perceber um mundo repleto de objetos passíveis de estudo.

As décadas de 1970 e 1980 foram decisivas para as mudanças que ocorreram nos estudos históricos, colocando em questão conceitos até então vigentes. Não existe mais uma teoria generalizante, mas sim a percepção de uma nova forma de reconstrução do passado baseada em pequenos núcleos, como a reconstituição de determinadas cidades, famílias, ou grupos como de operários, estudantes, etc. Este período marcado pela chamada nova história cultural desencadeia uma gama de objetos e abordagens que remeteram o historiador a uma nova configuração cultural, permitindo a construção do conhecimento a partir da diversidade de elementos que até então poderiam ter sido

¹ Graduada em Licenciatura em História pelo Centro Universitário IPA Metodista do RGS. Professorada Rede Estadual no Ensino Médio em Gravataí - Rio Grande do Sul.

ignorados, passando despercebidos ou simplesmente deixados de lado por serem julgados de menor ou nenhuma importância, já que até este momento era a história das estruturas econômico-político-sociais que estava em seu apogeu e por isto era privilegiada.

Segundo Joana Neves em seu livro “Onde está a graça que eu não vi? O riso e a representação na História” isto ocorria pois “ as temáticas associadas aos sentimentos, paixões, ao subjetivo e ao cotidiano, se identificavam com o indivíduo e com sua vida privada, mas não eram considerados objetos relevantes para a História.” (NEVES, 2003: 70).

Em meados da década de 1970 estes novos objetos ampliam-se e permitem o uso de diversas formas de construção histórica: como a literatura, a etnografia e a imagem. O estudo das imagens pelos historiadores tornou-se campo quase obrigatório, já que as novas demandas historiográficas recorrem à necessidade de manipulação e interpretação destas.

A partir dessas palavras sobre a imagem, tentamos direcionar esse artigo para o campo de estudos mais específico no qual pretendemos filiar este: o do humor e mais especificamente o das caricaturas.

A caricatura como instrumento de estudo científico, torna-se uma forma inusitada e divertida de analisarmos as transformações e as permanências de uma sociedade em determinada época.

Breve histórico das caricaturas

Existe uma história que conta que um grande ditador de uma república tropical americana, preocupado em vestir-se de acordo com a elevada imagem que tinha de si mesmo, criou um uniforme que o distinguiria dos demais. Tomou como modelo uma gravura da época, em que aparecia o Imperador Napoleão I da França, chamou seu alfaiate e pediu-lhe que fizesse um traje igual. Resultou daí um modelo para muitos ditadores tropicais da época, mas o que eles não sabiam, é que havia sido cometido um erro crasso, pois o modelo que foi copiado nada mais era do que uma caricatura, ridicularizando Napoleão e exagerando sua forma de vestir.

Segundo Fonseca

A caricatura, é a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou idéia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ou grotesco. É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou de um fato. Na maioria das vezes uma característica saliente é apanhada ou exagerada (Fonseca, 1999:17).

A caricatura é uma fonte iconográfica mordaz e instigante. O termo caricatura vem do italiano *caricare*, que quer dizer carregar, exagerar. A palavra surgiu com este sentido no

século XVII, ligada aos irmãos Agostino Carraci e Annibale Carraci, que criaram uma galeria de tipos populares de sua cidade, Bolonha. Mas foi o escultor e arquiteto Giovanni Lorenzo quem introduziu o termo “caricatura” na França, por volta de 1665. Pode haver também alguma influência da palavra *carattere* (*caráter em italiano*) ou mesmo de *cara* (*rosto em espanhol*), pois coincidentemente ou não, o caráter e o rosto são os pontos de partida de uma caricatura. Foi o novo modelo estético proposto pelo renascimento que propiciou o nascimento da caricatura, que diferentemente da Idade Média onde a figura humana era associada a uma ordem universal, apresenta neste período o homem como a medida de todas as coisas. O homem que antes era visto como objeto divino, agora era o próprio objeto. Apesar de ter oficialmente surgido no período renascentista, pode-se buscar suas origens na antiguidade, onde burla e sátira deram lugar a representações gráficas cujos testemunhos chegaram aos nossos dias. Na pré-história os homens rabiscavam nos ossos figuras humanas com cabeças de gazelas.

Na antiguidade, tem-se conhecimento de várias representações de homens como animais. O fato de atribuírem ao homem certa irracionalidade através das representações de animais, assim como as deformações usadas em muitas figuras simbólicas, são objetos de estudo em relação à origem da caricatura.

No Egito, foram encontradas nas paredes dos hipogeus (túmulos escavados nas rochas) imagens retratando personagens da realeza e mesmo deuses com cabeças de animais. Os poderosos eram deste modo criticados por suas atitudes abusivas.

Na Grécia, o humor tornou-se mais regular do que em outros lugares, pois a sátira e a comédia eram gêneros muito cultivados entre eles, sendo que conhecemos grandes comediógrafos cujas obras permanecem até os dias de hoje.

Isto é apenas uma ilustração do poder da caricatura, uma arte sagaz e ferina, que ao longo dos tempos, fez dos mais renomados nomes suas vítimas. Utilizada como uma arma, podemos dizer terrorista muitas vezes, a caricatura tem sido ao longo da história, uma voz que machuca sem piedade, que satiriza, ironiza, sendo sarcástica, e que mesmo diante da censura, através das metáforas, denuncia e reivindica os problemas sociais e políticos.

Situa-se aqui o foco principal deste artigo: a caricatura como instrumento importante para o ensino de História, estimulando uma reflexão crítica dos alunos sobre temas abordados de maneira lúdica, bem humorada e prazerosa.

A caricatura no Brasil

No Brasil, o Barão de Santo Ângelo, Manuel de Araújo e Porto Alegre (1806-1879) é considerado o primeiro cartunista brasileiro, por um desenho de 1837 atribuído à ele. O aparecimento, podemos dizer, tardio da caricatura na nossa sociedade, revela também a

demora que a imprensa teve para chegar até aqui, apesar de Gutenberg ter sido quase contemporâneo do descobrimento do Brasil. Sabe-se que no período colonial a imprensa teve privações decorrentes da coroa portuguesa, mas as expressões populares já manifestavam o humor político através de outros instrumentos como os bonecos de carnaval, a malhação de Judas, entre outros.

O Brasil possui em seu histórico um rol bastante significativo de caricaturistas e publicações humorísticas como manifestos políticos. E é dentro desse universo de caricaturas e charges que esses artistas criam a sua própria identidade, e introduzem a metrópole em um lugar de destaque na imprensa até a metade do séc.XX.

J. Carlos, José Carlos de Brito e Cunha, o cronista do lápis como era chamado é um desses grandes nomes, surgidos neste contexto.

“O caricaturista que vou falar aqui foi o homem que retratou de forma mais constante e plena o espírito do povo brasileiro.

Ele ocupou páginas das principais revistas de humor brasileiras ao longo do século XX.

E pode-se dizer que J. Carlos, pela dimensão de sua obra, é ainda hoje o maior nome da história da nossa caricatura. Naquele começo de século, eram muitas as revistas brasileiras que se sustentavam basicamente na caricatura. (...) e J. Carlos ao longo da sua carreira teve atuação destacada nas três mais importantes” (LOPES, 2006: 153).

Segundo Herman Lima, o cartunista brasileiro José Carlos de Brito e Cunha popularmente conhecido como J. Carlos, juntamente com Raul e K. Lixto, formam a grande trindade da caricatura brasileira. Foram estes três mestres que nacionalizaram a caricatura brasileira. Vamos nos ater em apenas um deles, J. Carlos, um carioca nascido em Botafogo, no dia 18 de junho de 1884 e falecido em 1950. Uma grande curiosidade a seu respeito é que foi o único dos quatro irmãos que não estudou desenho. Depois de ter abandonado o colegial, J. Carlos estreou em *O Tagarela*, em 1902. Sua carreira foi longa e duradoura, contribuindo por mais de meio século para todas as publicações importantes do Brasil.

De 1922 a 1930, foi diretor artístico das publicações da empresa *O malho, O tico-tico, Cinearte, Leitura para todos, Almanaque do malho e almanaque do tico-tico*. De 1931 a 1934, fez grande números de capas e ilustrações para *O cruzeiro e Fon-fon!*, assim como para *A noite, A lanterna, A nação, A hora e beira-mar*. Seu traço elegante e sintético, criou tipos como a melindrosa e o vagabundo e o almofadinha, além de retratar cenas do cotidiano da cidade, como as praias, a moda e o carnaval. Embora sem intenção, seus modelos chegaram a influenciar até a moda, assim como hoje há quem copie a moda da televisão, naquela época, também copiava-se só que das revistas e folhetins.

Para Tico-tico, a primeira revista de quadrinhos brasileira, J. Carlos criou personagens como Jujuba, Carrapicho, Juquinha, Borboleta, Gibi e Lamparina. Quando Walt Disney visitou o Brasil, em 1942, durante a segunda Guerra Mundial, J. Carlos desenhou um papagaio representando um personagem tipicamente brasileiro. Ele fez uma charge com o papagaio arrumando as malas e indo para Hollywood. Foi exatamente este personagem que inspirou Walt Disney a criar o Zé Carioca, personagem malandro, preguiçoso e conquistador, o protótipo brasileiro segundo a visão americana.

J. Carlos percorreu através de mais de 50.000 desenhos, toda a primeira metade do século XX, traçando um painel social e político que passa pela República Velha, o Estado Novo, as duas Guerras Mundiais, o entre-guerras, a guerra Espanhola e o início da Guerra Fria, sem falar nas transformações por que passaram a cidade do Rio de Janeiro, da moda, do cinema, do carnaval, entre outros.

Por este currículo invejável é que J. Carlos ficou conhecido como “O cronista do papel”, título que faz dele um artista imprescindível para quem estuda estes períodos os quais ele retratou com tanta elegância em seus desenhos. Segundo Álvaro Moreira amigo e grande companheiro de J.Carlos “o ente que olhar, daqui a cem anos, as obras primas de J. Carlos, poderá viver a vida que andamos vivendo”, e isto diz tudo sobre sua cabal importância.

O ensino de história através do olhar caricata de J.Carlos

Imaginem a seguinte cena: o professor está totalmente envolvido dando sua aula e nem percebe que no fundo da sala um aluno o olha e rabisca num papel sem parar. Ao notar tal situação pergunta ao aluno o que ele está fazendo e este num limite entre o riso e o medo acaba deixando seu desenho à mostra. O professor ao ver o desenho mesmo que desconfortável com tal situação identifica-se na imagem de traços exagerados e solta um riso discreto. Quem já não presenciou cena assim, seja como aluno ou como professor?

A caricatura, como já foi observado anteriormente, por ter um caráter humorístico, irônico, muitas vezes ferino, torna-se um forte instrumento para a representação dos contextos sociais, políticos e econômicos de uma sociedade, instigando a curiosidade e gerando produções bastante criativas dentro de uma sala de aula de História.

Quanto às representações de J. Carlos podemos dizer que sua obra é uma extraordinária crônica visual de seu tempo, um testemunho de hábitos, costumes e comportamentos, registrados de maneira inconfundível, por seus traços duradouros.

As imagens podem estabelecer uma relação mediadora entre a obra e o mundo real, o criador e o espectador. A imagem dialoga com o contexto de uma época, portanto,

constituindo-se de uma forte forma de representação de mundo. É nesse sentido que percebo a importância das caricaturas de J. Carlos para a representação de diversos períodos brasileiros, mas mais especificamente do Estado Novo.

Este período denominado Estado Novo que vai de 1937 à 1945 foi marcado por um poder totalitário, com censura de órgãos repressores e por uma situação política e econômica cheia de mazelas. E é neste momento que J. Carlos bota o dedo na ferida, utilizando-se de suas caricaturas para ao mesmo tempo protestar, mas também manifestar a sua esperança de um país “bom para se viver”, exaltando a pátria e o civismo.

Um tanto de ufanista, um outro tanto de contestador, assim J. Carlos pode ser percebido em suas criações. Esta posição ambígua, que por vezes glorificava o nacionalismo, por outras criticava suas falsetas, é que tornou sua arte muito mais rica e passível desta análise histórica.

Em sala de aula através das imagens, podemos utilizar a representação como forma de percepções diversas e ampliação de possibilidades para o contexto histórico, pois segundo Ecco² “o poder evocativo de uma imagem não é a mesma para todos, em linha de conta estão experiências e contextos próprios a cada pessoa que receberá de forma diferente”. E isso sem dúvida agregará muito a discussão em sala de aula.

Analisaremos agora algumas imagens e algumas possibilidades de reflexões que poderão ser feitas:



Figura 1- Revista Careta, 1947.

² Para saber mais ver ECCO, Umberto. Semiótica e filosofia da linguagem. Instituto Piaget. São Paulo, 2001.

Esta caricatura publicada na revista “Careta”³, em 1947, mostra a precariedade em que o povo vivia. Mostra que quem sempre é sacrificado é o próprio povo, que simbolizado pelo personagem magrinho “Zé-povo” é interpelado pelo presidente Eurico Dutra a doar sangue para um homem muito gordo deitado no leito, com a inscrição na barriga: ORÇAMENTO. O povo engordando o orçamento público, qualquer semelhança com a atualidade será que é mera coincidência?

Mesmo sendo feita logo após a saída de Getúlio, essa caricatura mostra um Eurico Dutra ainda rezando pela mesma cartilha getulista, seguindo os mesmos passos do Estado Novo.

Imagens podem e devem ser utilizadas em sala de aula como instrumento de reflexão crítica, partindo-se das conclusões que os próprios alunos chegam ao observarem as imagens mostradas e posteriormente questionando sobre o contexto referido.

Podemos citar aqui alguns questionamentos pertinentes, mas lembrando de que as possibilidades dentro de sala de aula são inúmeras, dependendo de vários fatores como: os questionamentos levantados pelos alunos, a condução do educador para este ou aquele ponto que por ele será determinado, entre tantos outros.

Vejamos um possível roteiro de estudos que poderão ser utilizados à partir da caricatura analisada:

- Como era a situação econômica do país neste período?
- Quais eram as políticas deste governo?
- O que mudou nas políticas governamentais atuais para as que eram aplicadas naquele período?
- Quais as semelhanças e as diferenças do período retratado para os dias atuais no que se refere às políticas sociais?

A próxima imagem possui um perfil um pouco diferente da apresentada anteriormente. Esta imagem conota um momento ufanista pelo qual J. Carlos passou na ânsia de resgatar valores nacionais.

³ A Revista Careta foi fundada por Jorge Schmidt e circulou entre 1908 a 1960, sendo de muita expressão nos mais diversos períodos históricos, sendo nela que encontramos grande parcela das caricaturas de J. Carlos, que foi diretor e ilustrador exclusivo da revista até 1921.

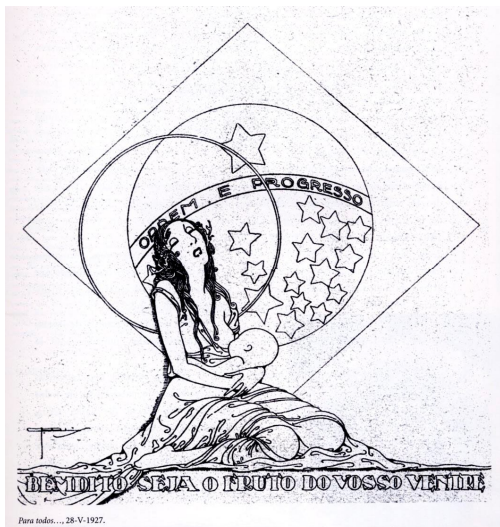


Figura 2- Revista Para Todos, 1927.

Este momento de exaltação à nação que J. Carlos retrata, como já foi dito teve o intuito de resgatar a pátria. Neste desenho, capa da Revista Para Todos..., a “mãe-Brasil” amamenta seu “povo-bebê”, mais uma vez com a bandeira ao fundo e a legenda: “Bendito seja o fruto de vosso ventre”, imagem que acabou sendo desvirtuada pela corrupção endêmica no país, gerando a expressão “mamar nas tetas do estado”. Esta imagem é de certa forma um prelúdio ao Estado Novo que está se formando.

Mais uma vez nos defrontamos com inúmeras possibilidades de análise em função da necessidade de resgate da pátria e de valores nacionais. Qual era a situação política da época? O que vocês acham que pode representar esta figura? Por quê havia uma necessidade de resgate dos valores nacionais? O “povo bebê” e a “mãe nação” configuram quais representações no cenário político da época? Por quê esta imagem foi apelidada de “mamar nas tetas do Estado”? O que esta expressão representa nos dias de hoje? A palavra corrupção possuiu sempre a mesma significação ao longo da história? Entre tantos outros questionamentos que esta imagem possibilita dentro de sala de aula.

Na imagem seguinte o retrato de um governo oportunista, corrupto e centralizador.

Esta caricatura é intitulada “No meio a virtude” e foi publicada na revista Careta em 24 de abril de 1937.



FIG. 5 - J. Carlos. "No meio, a virtude".
Careta. Rio de Janeiro, 24/04/1937.

Figura 3- Revista Careta, 1937.

J. Carlos era um artista preocupado com o momento em que estava vivendo, com seu contexto histórico, como podemos perceber na imagem acima onde tece uma crítica ao poder ditatorial e centralizador de Getúlio Vargas.

No centro da imagem Getúlio com seu típico charuto e com um sorriso eu diria um tanto maroto, e ao seu redor muitos políticos interessados em arranjos dentro do governo getulista. Seus nomes escritos aparentemente fora de uma formatação estética apresentam uma peculiaridade: o arranjo central das letras compõem, não por acaso, o nome de Getúlio.

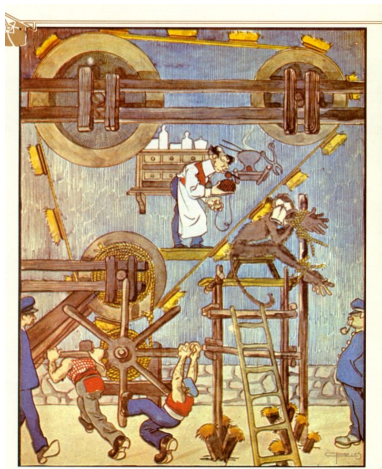


Figura 4- Máquina de pentear macacos

Na figura 4 pode-se perceber a situação do Governo Vargas, onde as indústrias tiveram seu grande "boom", as inovações tecnológicas tiveram apoio e a industrialização foi

um dos carros daquele governo. Nas imagens acima, J. Carlos faz uma crítica escrachada sobre o “primado do moderno” e a criação de indústrias artificiais, mostrando a criação de duas “novas indústrias”: a de Lamber Sabão e a de Pentear Macacos. De uma forma divertida podemos fazer essa análise da industrialização no Estado Novo e suas implicações para o contexto social, político e econômico.

O Ensino de História nos permite uma série de recursos didáticos, fundamentalmente amparados nas tendências da micro-história⁴ e da nova história cultural⁵ que ampliam os objetos a serem estudados e as ferramentas possíveis de análise. Nesse sentido temos um universo de ações pedagógicas possíveis para fazermos das aulas de história momentos não só de aprendizado como principalmente de reflexão, possibilitando aos nossos alunos o espaço para uma discussão prazerosa.

As imagens fazem parte desse universo de possibilidades para o ensino de História. A riqueza das representações artísticas, especialmente das caricaturas, desperta o interesse e a curiosidade dos alunos e os faz não só reconhecer a caricatura como expressão artística importante, como também despertar um olhar observador, analítico, crítico sobre o que está por trás de cada caricatura, fazendo essa relação dialógica entre a imagem, o sujeito e o meio.

Através das caricaturas de J. Carlos, podemos perceber o arsenal de reflexões que nos é possível desenvolver a partir de um determinado período histórico e o quanto as caricaturas podem ser altamente produtivas enquanto instrumento de comunicação e reflexão para o ensino de História.

Bibliografia

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier: 1997.

ECCO, Humberto. **Semiótica e a filosofia da linguagem.** São Paulo. Editora Instituto Piaget: 2001.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: A imagem gráfica do humor.** Porto Alegre. Artes e ofícios: 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mito, emblemas e sinais: Morfologia e História.** São Paulo: Companhia das letras: 1989.

⁴ Ver GINSBURG, Carlo. O queijo e os vermes. Companhia das letras. São Paulo, 1987.

⁵ Ver BURKE, Peter. O que é história cultural. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. **Os Subversivos da República**. São Paulo, Editora Brasiliense:1986.

LEMOS Renato (org). **Uma história do Brasil através da caricatura**. Rio de Janeiro: Bom Texto, Letras e Expressões: 2001.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**, V.4. Rio de Janeiro, José Olympio Editora: 1963.

LUSTOSA, Isabel. **Brasil pelo método confuso: Humor e boemia em Mendes Fradique**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil: 1993.

MINOIS, Georges (org). **História do Riso e do Escárnio**. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP: 2003.

SALIBA, Elias Thomé. **Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens**. In *O saber histórico na sala de aula*, org. por Circe Bittencourt. São Paulo, Editora Contexto: 1997, pp.117-127. (5ª Edição em 2001).

Recebido em 15/04/2009

Aprovado em 27/05/2009